

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RONDÔNIA

CENTRO INTERDISCIPLINAR
DE ESTUDO E PESQUISA DO
IMAGINÁRIO SOCIAL



REVISTA LABIRINTO
ANO XVIII
VOLUME 26
(JAN-MAR)
2017
PP. 273-294.

A MATERIALIDADE DA TRADUTORIA E O PROCESSO HISTÓRICO DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS EM O MAR E A SELVA – RELATO DE UM INGLÊS NA AMAZÔNIA

Eliana dos Santos Morato Baraldi
Mestre em Letras pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR)
eliana.baraldi@hotmail.com

Élcio Aloisio Fragoso
Docente do Departamento de Línguas Vernáculas na Universidade Federal de Rondônia (UNIR)
elciofragoso@unir.br

RESUMO

Este artigo fundamenta-se na perspectiva teórico-metodológica da Análise de Discurso de linha francesa, fundada na década de 60 do século XX por Michel Pêcheux e seus colaboradores Michel Plon, Paul Henry entre outros. No Brasil, esta teoria é desenvolvida sobretudo a partir dos estudos de Eni Orlandi, que promoveu uma (des/re) territorialização desta disciplina entre nós. Para o estudo da temática da tradutoria estamos fundamentados em Mittmann (2003). Temos como objeto de estudo o discurso materializado na obra: O Mar e a Selva-Relato de um inglês na Amazônia, tradução de Hélio Rocha, do livro The Sea and The Jungle, cujo autor é o jornalista Henry Major Tomlinson, que imprimiu ao seu discurso efeitos de sentidos sob a forma de relato. Propomos reflexões sobre os processos tradutórios em suas materialidades, na relação entre língua/história e produção de sentidos. Visamos também analisar o tradutor/autor, considerando a interpelação ideológica que o constitui como sujeito, apropriando-se e interpretando o processo tradutório de diferentes posições e funções discursivas. Concentramo-nos no estudo do funcionamento da tradutoria e como é historicizada, isto nos faz compreender a constituição do tradutor/autor no processo tradutório de acordo com a determinada formação discursiva em que se inscreve. Nesta teia do discurso observamos os sentidos sendo produzidos entre todos os participantes do processo: autor, tradutor enquanto leitor, tradutor enquanto autor, leitor do processo tradutório e outros leitores eventuais que surgem.

A MATERIALIDADE DA TRADUTORIA E O PROCESSO HISTÓRICO DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS EM O MAR E A SELVA
– RELATO DE UM INGLÊS NA AMAZÔNIA, ELIANA DOS SANTOS MORATO BARALDI & ÉLCIO FRAGOSO

Palavras-chave: Relato; Análise de Discurso; Estrada de Ferro Madeira-Mamoré; Amazônia; Ideologia.

**THE MATERIALITY OF TRANSLATING AND THE HISTORICAL PROCESS OF SENSES PRODUCTION IN THE
SEA AND THE JUNGLE: AN ENGLISHMAN IN AMAZONIA**

ABSTRACT

This article bases itself onto the theoretical-methodological French Speech Analysis perspective, founded on the 60s of the 20th century by Michel Pêcheux and collaborators Michel Plon, Paul Henry and others. In Brazil, this theory is developed most of all by the studies of Eni Orlandi, who promotes a (un/re) territorialization of this discipline among us. As for the translating studies, we found ground within Mittmann (2003). We have as a study object the materialized speech from: O Mar e a Selva - Relato de um inglês na Amazônia, an Hélio Rocha translation of the book The Sea and The Jungle, whose author journalist Henry Major Tomlinson printed into the speech sense effects in a reporting way. We reflect upon the translation processes within their materiality, in the relationship between language/history and sense production. We also analyze the translator/author, considering the ideological interpellation which constitutes himself as subject, taking over and interpreting the translating process from different discursive positions and functions. We concentrate in the studying of how translation works and how it is historialized, thus making us comprehend the constitution of the translator/author inside the translating process according to the determined speech formation in which it's inside. From this speech web we can observe the senses being produced among all process participants: author, translator as a reader, translator as an author, translation reader and other eventual readers that may appear.

Keywords: Report; Discourse Analysis; Madeira Mamoré Railroad; Amazon; Ideology.

1 Introdução

A MATERIALIDADE DA TRADUTORIA E O PROCESSO HISTÓRICO DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS EM O MAR E A SELVA – RELATO DE UM INGLÊS NA AMAZÔNIAL, ELIANA DOS SANTOS MORATO BARALDI & ÉLCIO FRAGOSO

A obra em análise é uma tradução do livro *The Sea and the Jungle*, cujo autor é *Henry Major Tomlinson*, um jornalista inglês. Seu tradutor/autor, Hélio Rocha, diz que “está consciente dessa fusão”, o resultado da transformação de uma língua para outra, “que é necessário um certo esforço para se manter certa fidelidade à obra traduzida. É preciso fazer alguns ajustes e acréscimos” (ROCHA, 2014, p. 11)

A tradução, interpretação, negociação e manipulação são como caminhos e desvios. O tradutor/autor preocupou-se com o leitor que vai ter acesso ao livro somente em português, e optou por um texto acessível e fluente, que proporcionasse uma leitura agradável. Ao mesmo tempo, porém, não considera coerente, para o tradutor, fugir demais do estilo rebuscado e complexo do autor. Ele acredita que o leitor tem o direito de sentir um pouco da qualidade labiríntica do texto original.

Rocha (2014) comenta como tradutor/autor de primeira viagem enfrentou um grande desafio, por tratar-se de um autor bastante erudito e imaginativo, ter fontes numerosas e

longínquas e trabalhar com alusões religiosas, mitológicas e filosóficas, exige do leitor/tradutor uma familiarização com termos náuticos, portuários, geográficos, botânicos, históricos e amazônicos e a compreensão de inúmeras chaves discursivas, como é o caso de citações de muitos nomes de grandes homens – Hakluyt, Humboldt, Spruce, Bates, Carnegie, Henry James, Shaw – dentre outros (ROCHA, 2014, p. 11).

A tradutoria, termo desenvolvido por Mittmann (2003), realmente é uma construção desafiadora, mas o tradutor/autor corre sérios riscos, se ele aproximar - se do literal original, arrisca - se a não fazer uma boa tradução e não levar à compreensão aos seus leitores, não almejando o principal objetivo do seu trabalho. A interpretação não é imparcial, como aparenta ser, mas ideologicamente produzida. Por isso, cada tradutor/autor faz a sua tradutoria de acordo com a formação discursiva em que se inscreve e é constituído. Rocha deixa sua marca na capa do livro quando insere o

A MATERIALIDADE DA TRADUTORIA E O PROCESSO HISTÓRICO DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS EM O MAR E A SELVA – RELATO DE UM INGLÊS NA AMAZÔNIA, ELIANA DOS SANTOS MORATO BARALDI & ÉLCIO FRAGOSO

subtítulo “*Relato de um Inglês na Amazônia*”, o tradutor/autor assume a posição-sujeito na escritura.

Como tudo na nossa vida passa pela interpretação, no processo tradutório focaliza-se, particularmente, a questão da interpretação. Discute-se a produtividade para a compreensão da tradução como gesto de produção, situado na história. Afirma Orlandi (1999) que estamos comprometidos com os sentidos e o político e “não temos como não interpretar”:

A relevância desta pesquisa está em mostrar que além de apreciarmos textos literários, que tratam das relações interétnicas, sócio-históricas e de identidade, nos proporcionam a compreensão das práticas discursivas, no relato do jornalista inglês. Este estudo também nos leva a compreender o modo como esses discursos funcionam como referência básica no imaginário constitutivo popular, naquele período marcante da construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré e que deu início ao município de Porto Velho.

A literatura é muito mais do que puro entretenimento; para nós, esta pesquisa literária pode ser compreendida em

relação à formação social de um povo e de sua identidade. Mais que isso, o estudo da literatura nos permite compreender a institucionalização dos sentidos e por esta via entendemos que a literatura participa da própria construção da sociedade e da relação que os sujeitos mantêm com a linguagem e com os sentidos. A nossa história pode ser contada de diferentes formas e pode ser compreendida através de diversas propostas de análises, por isso, apresentamos neste artigo o dispositivo teórico da Análise de Discurso, já que, por seu viés, trabalhamos com uma materialidade complexa, neste momento a tradutoria, que é simultaneamente linguística, histórica e ideológica. Nesta vertente, valorizamos o empenho do tradutor/autor na realização da sua obra pois esta traz a materialidade que necessitamos para nossa análise.

2 A interpretação na tradutoria e a produção de sentidos

Como tudo na nossa vida passa pela interpretação, no processo tradutório focaliza-se, particularmente, a questão da

A MATERIALIDADE DA TRADUTORIA E O PROCESSO HISTÓRICO DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS EM O MAR E A SELVA – RELATO DE UM INGLÊS NA AMAZÔNIAL, ELIANA DOS SANTOS MORATO BARALDI & ÉLCIO FRAGOSO

prática interpretativa. Discute-se a produtividade para a compreensão da tradução como gesto de produção, situado na história. Afirma Orlandi (1999, p. 10) que “estamos comprometidos com os sentidos e o político e não temos como não interpretar”. Diante de qualquer fato, de qualquer objeto simbólico somos determinados a interpretar, havendo uma imposição a interpretar. Ao falar, interpretamos. Mas, ao mesmo tempo, os sentidos parecem estar sempre lá.

Conforme posicionamento de Fragoso (2014, p. 69), no que tange ao funcionamento do discurso literário, o objetivo da Análise de Discurso é a compreensão do processo de produção de sentidos:

Nosso objetivo é descrever e interpretar o funcionamento do discurso literário, relacionando suas marcas e propriedades às condições de produção deste discurso para que se compreendam os processos de significação aí inscritos. Partimos do princípio de que o discurso literário tem uma forma material que é histórica (relação língua-exterioridade) e seu funcionamento deve ser descrito, referindo-se a esta relação entre língua e história para a compreensão do processo de produção de sentidos. A nossa questão é distinguir como os sentidos são produzidos e sustentados,

observando a materialidade linguístico - histórica das discursividades literárias (FRAGOSO,2014, p.69).

O que a proposição do conceito de esquecimentos formulado por Pêcheux enfatiza é que “os sentidos estão sempre ‘administrados’, não estão soltos”, como se acredita tradicionalmente. O sentido não está no sujeito nem no texto, mas no discurso. Por isso, o gesto interpretativo não é livre, não é da instância do sujeito, como preconizado pela tradição logocêntrica.

A esse respeito, diz Orlandi (1999), que se de um lado há imprevisibilidade na relação do sujeito com o sentido e da linguagem com o mundo, toda formação social tem formas de controle da interpretação, historicamente determinadas:

[...] há modos de se interpretar, não é todo mundo que pode interpretar de acordo com sua vontade, há especialistas, há um corpo social a quem delegam poderes de interpretar (logo de “atribuir” sentidos), tais como o juiz, o professor, o advogado, o padre, etc (ORLANDI, 1999, p. 10).

A MATERIALIDADE DA TRADUTORIA E O PROCESSO HISTÓRICO DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS EM O MAR E A SELVA
– RELATO DE UM INGLÊS NA AMAZÔNIAL, ELIANA DOS SANTOS MORATO BARALDI & ÉLCIO FRAGOSO

Orlandi (1999) diz que “dessa forma de entender a interpretação decorre a suspensão da noção de leitura, procedimento que, como se apontou anteriormente, é um dos postulados centrais da Análise de Discurso” (ORLANDI, 1999, p. 25). O leitor não é um sujeito consciente, mas sim um sujeito do discurso, o qual, está sujeito a um controle do dizer, da interpretação. Toda leitura precisa de um artefato teórico para que se efetue, assim, leitura mostra-se como não transparente, articulando-se em dispositivos teóricos.

Outro ponto fundamental para a Análise de Discurso é que não há uma verdade oculta atrás de um texto. O que há são gestos de interpretação. Compreender é muito mais do que a mera apreensão dos sentidos “literais” de um texto: é saber como um objeto simbólico (enunciado, texto, pintura, música etc.) produz sentidos. É saber como as interpretações funcionam. E a autora prossegue dizendo que quando interpreta, o analista já está preso em um sentido. E para concluir, Orlandi (1999), afirma que “a compreensão procura a explicitação dos processos de significação presentes no texto e

permite que se possam ‘escutar’ outros sentidos que ali estão compreendendo como eles se constituem” (ORLANDI, 1999, p. 26).

Ainda de acordo com Orlandi (1999) a interpretação se dá, sob condições de produção específicas. Em sentido restrito, trata-se das circunstâncias da enunciação, ou seja, o contexto imediato. “Em sentido amplo, elas incluem o contexto sócio-histórico e ideológico” (ORLANDI, 1999, p. 30). Assim, o gesto interpretativo não se dá livremente, ele é determinado em suas condições de produção: o sujeito da linguagem interpreta, situado histórica e ideologicamente.

A memória, na mesma direção, não é entendida como um conjunto de informações relativas a eventos passados ao qual o sujeito tem acesso livremente. Em Análise de Discurso, a memória é tratada como interdiscurso, o qual, segundo Orlandi (1999) é aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente conforme já dissemos. É a memória discursiva: “[...] o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que

A MATERIALIDADE DA TRADUTORIA E O PROCESSO HISTÓRICO DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS EM O MAR E A SELVA – RELATO DE UM INGLÊS NA AMAZÔNIAL, ELIANA DOS SANTOS MORATO BARALDI & ÉLCIO FRAGOSO

está na base do dizível, sustentando toda tomada da palavra” (ORLANDI, 1999, p. 31). Tudo o que foi dito sobre um tema retorna no “novo” texto. Os sentidos são convocados nesse novo texto.

Para Orlandi (1999) “o dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas nossas palavras” (ORLANDI, 1999, p. 32). O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele. O conceito de “interdiscurso” (que focaliza o já-dito) permite remeter um discurso a uma memória, a qual se filia a outros discursos já ditos, e, dessa forma, permite mostrar seus compromissos políticos e ideológicos. O interdiscurso, segundo Orlandi (1999) disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada.

Orlandi (1999) define o interdiscurso como o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que

dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido (ORLANDI, 1999, p. 34). Uma vez que as palavras simples do cotidiano já chegam até nós carregadas de sentidos que não sabemos como se constituíram e que, no entanto, significam em nós e para nós. Como afirma Courtine (1984, citado por Orlandi, 1999, p. 34), no interdiscurso, fala uma voz sem nome.

O estudo sobre o silêncio na obra de Orlandi (1996), abre uma perspectiva para uma nova forma de conceber a questão discursiva. Do ponto de vista teórico, permite a melhor compreensão quanto à questão da incompletude como constitutiva da linguagem, uma vez que há relação importante entre o silêncio, a incompletude e a interpretação. Segundo Orlandi (1996), “a incompletude não deve ser pensada em relação a algo que seria (ou não) inteiro, mas antes em relação a algo que não se fecha” (ORLANDI, 1999, p.11). A autora considera o fato de que o dizer é aberto, e somente, ilusoriamente, que se pensa poder dar a “palavra final”. Ela continua explicando que o dizer também não tem um começo

A MATERIALIDADE DA TRADAUTORIA E O PROCESSO HISTÓRICO DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS EM O MAR E A SELVA – RELATO DE UM INGLÊS NA AMAZÔNIAL, ELIANA DOS SANTOS MORATO BARALDI & ÉLCIO FRAGOSO

verificável: o sentido está (sempre) em curso. O silêncio é fundante (não há sentido sem silêncio) e esta incompletude decorre do fato de que a linguagem é categorização dos sentidos do silêncio, modo de procurar domesticá-los. O silêncio é sentido contínuo, indistinto, horizonte possível da significação. Orlandi (1996) explica a linguagem como estrutura e acontecimento:

A linguagem, mesmo em sua vocação à unicidade, à descrição, ao completo, não tem como suturar o possível, porque não tem como não conviver com a falta, não tem como não trabalhar (com) o silêncio. Isto justamente porque a linguagem é estrutura e acontecimento, tendo assim de existir na relação necessária com a história (e com o equívoco) (ORLANDI, 1996, p. 12).

Quanto ao ponto de vista da significação, Orlandi (1996) afirma não haver uma relação direta do homem com o mundo, ou melhor, a relação do homem com o pensamento, com a linguagem e com o mundo não é direta assim como a relação entre a linguagem e pensamento, e linguagem e mundo têm também suas mediações. Disto advém a necessidade da

noção de discurso para pensar essas relações mediadas, sobretudo porque pelo discurso melhor se compreende a relação entre linguagem /pensamento / mundo, haja vista o discurso ser uma das instâncias materiais (concretas) dessa relação.

Na perspectiva discursiva de Orlandi (1996), o texto é um bólido de sentidos. Ele parte de inúmeras direções, em múltiplos planos de significantes.

Diferentes versões de um texto, diferentes formulações constituem novos produtos significativos. Nossa questão é então: o que muda nas diferentes versões? É só uma explicitação que lá já estava? São os seus possíveis? O que é uma outra formulação? O que é colocar-se um final outro? Ou outra direção? (ORLANDI, 1996, p. 14).

Nos estudos da Análise de Discurso compreendemos que qualquer modificação na materialidade do texto corresponde a diferentes gestos de interpretação, compromisso com diferentes posições do sujeito, com variadas formações discursivas, distintos recortes de memória, diversas relações

A MATERIALIDADE DA TRADAUTORIA E O PROCESSO HISTÓRICO DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS EM O MAR E A SELVA
– RELATO DE UM INGLÊS NA AMAZÔNIAL, ELIANA DOS SANTOS MORATO BARALDI & ÉLCIO FRAGOSO

com a exterioridade. Este é um aspecto crucial: a ligação da materialidade do texto e sua exterioridade (memória).

No campo teórico da Análise de Discurso é fundamental lançar mão desse dispositivo analítico porque não se trabalha só com a estrutura, mas também com o acontecimento da linguagem, esses aspectos como: o equívoco e a forma histórica da interpretação são considerados na compreensão de cada gesto de interpretação. De acordo com Orlandi (1996) “o que talvez seja mais importante, com a noção de ideologia, se evita pretender chegar à verdade do sentido, estando, no entanto, atentos às suas diferenças” (ORLANDI, 1996, p. 98).

Ler é saber que o sentido pode ser outro (ORLANDI, 1996). Entender o funcionamento do discurso enquanto objeto simbólico é entender o funcionamento da ideologia, vendo em todo discurso a presença de outro discurso mesmo com a exclusão dele, mas que o constitui. Justamente por não haver univocidade entre pensamento/

mundo/linguagem, haverá o espaço da interpretação e do equívoco.

Orlandi (1996), afirma em muitos de seus trabalhos que os fatos estão sujeitos à interpretação, e que a língua, na medida em que é constituída pela “falha, deslize, ambiguidade faz lugar para a interpretação, pode-se perceber que não há como regulamentar o uso dos sentidos, embora não se deixe nunca de tentá-lo” (ORLANDI, 1996, p. 142). E a autora continua sua reflexão sobre a leitura:

Assim, talvez fosse melhor acatar essa impossibilidade e, ao mesmo tempo, reconhecer a necessidade desse controle, vendo no processo das diferentes leituras uma reorganização do trabalho intelectual e a propensão a novas divisões no trabalho social da leitura. O que não descaracteriza a especificidade do discurso científico, mas repõe o conhecimento produzido como parte de um processo. Inacabado. (ORLANDI, 1996, p.143).

Orlandi (1996), encerra sua reflexão acerca da necessidade desse controle do processo de leitura, falando da especificidade do discurso científico em considerá-lo como parte de um processo, inacabado e acrescenta “como dizemos

em linguagem: incompleto. E, por isso mesmo, possível. Porque é isso mesmo que nos ensina o discurso: o lugar da falha, da incompletude é também o lugar do possível, da transformação” (ORLANDI, 1996, p.143).

Orlandi (1999, p. 73) faz uma comparação entre autor e sujeito e entre imaginário e real. Segundo a autora, o real do discurso é a descontinuidade, a dispersão, a incompletude, a falta, o equívoco, a contradição, constitutivas tanto do sujeito como do sentido, enquanto o imaginário é justamente a unidade, a completude, a coerência, a não contradição. É por essa articulação necessária entre o real e o imaginário que entra o discurso e, conseqüentemente, a relação entre texto, sujeito e autor.

3 As representações imaginárias do sujeito tradutor/autor no processo tradutório

Pelo viés da Análise de Discurso, faremos agora uma reflexão sobre a tradutoria, termo usado por Mittmann

(2003), que também é um processo de produção de discurso. Fundamentados nos estudos de Mittmann (2003) encontramos considerações que contribuem para a compreensão sobre a heterogeneidade no processo tradutório, considerando a presença-ausência do Outro e do outro, bem como o sujeito tradutor como “sujeito a e sujeito de”.

Na produção de um discurso, o autor esquece sua condição heterogênea, apresenta-se como responsável pelo que diz e disfarça a aparência de homogeneidade. Já no processo tradutório, o tradutor traz em si a voz do autor da obra original e, assim, responsabiliza-se pelo processo de produção do novo discurso. Entretanto, isso ocorre não pela voz que ali discursa, já que esta voz é imputada ao autor. Ou seja, no processo tradutório ocorrem os mesmos processos de “descontrole” (esquecimento número 1, o da ideologia e do inconsciente) e de tentativas de controle (esquecimento número 2, o da enunciação), porém negociados, disfarçados por uma outra forma de responsabilidade: a de imputar ao outro (o autor da obra original) os ditos e os não ditos do processo tradutório. Os

A MATERIALIDADE DA TRADUTORIA E O PROCESSO HISTÓRICO DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS EM O MAR E A SELVA
– RELATO DE UM INGLÊS NA AMAZÔNIAL, ELIANA DOS SANTOS MORATO BARALDI & ÉLCIO FRAGOSO

esquecimentos que, como diz Pêcheux (1995), não podem ser confundidos com “a perda de alguma coisa que se tenha um dia sabido, como quando se fala perda de memória”, mas o “acobertamento da causa do sujeito no próprio interior de seu efeito”. (PÊCHEUX, 1995, p.183)

O que dá sustentação aos efeitos de sentido no processo tradutório é a memória discursiva - presença - ausência, sob a forma de um sempre-retorno. Segundo Pêcheux (2007), a memória discursiva é um elemento do pré-construído para que o discurso tenha sentido é preciso que o mesmo já faça sentido:

Face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 2007, p. 52).

Assim, a memória discursiva sustenta a interpretação, o dizer e, portanto, o gesto de traduzir. No processo tradutório, a

construção do novo se dá sobre o que retorna, sob o efeito de que não é apenas um retorno, mas um discurso original.

Apresentamos três autores de uma perspectiva tradicional de processos tradutórios, norteados por Mittmann (2003). Começamos este estudo de teorias com: Eugene A. Nida, tradutor da Bíblia para a Língua Inglesa, Erwin Theodor, tradutor e professor da USP e Paulo Rónai, tradutor vindo da Hungria para o Brasil, que foi um marco nos estudos sobre a tradução neste país. Todos são amplamente citados nos cursos de tradução e em artigos sobre o tema, e acreditamos que representam muito bem a concepção tradicional, cuja característica principal está em considerar a tradução como transporte de sentidos e o tradutor como instrumento desse transporte.

Nessa concepção, o tradutor é tratado como um invasor da obra alheia que deveria, na verdade, funcionar como uma ponte invisível, desaparecendo, sem deixar indícios, logo após concluir seu trabalho.

A MATERIALIDADE DA TRADUTORIA E O PROCESSO HISTÓRICO DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS EM O MAR E A SELVA
– RELATO DE UM INGLÊS NA AMAZÔNIAL, ELIANA DOS SANTOS MORATO BARALDI & ÉLCIO FRAGOSO

Já nos estudos sob às concepções contemporâneas – na área dos estudos discursivos, literários ou no processo tradutório, também conforme Mittmann (2003), “o tradutor pode ser considerado da mesma forma que qualquer leitor proficiente que se depare com o discurso dito original”, ou seja, “como produtor de uma possibilidade de interpretação entre tantas outras, com a diferença de que ele efetua a produção de um novo discurso para um novo leitor imaginário inserido em uma outra cultura” (MITTMANN, 2003).

A historicidade é constitutiva do processo tradutório de acordo com Mittmann (2003) e, portanto, também do sentido e do tradutor, o que nos leva a atentar para o jogo entre memória e esquecimento, contenção e escape de sentidos, dispersão do sujeito e efeito de unidade, determinação e efeito de responsabilidade etc.

Mittmann (2003) diz que é comum nos depararmos com discursos desconfiados sobre o processo tradutório, as formulações como: “*só leio originais, pois não confio nas*

traduções”, ou “*não sei muito bem a outra língua, mas, quando posso, evito as traduções e leio o original*”.

Contudo, se há uma posição que expressa a facilidade em traduzir, conforme Mittmann (2003), há uma outra, assumida por muitos estudiosos da tradução, que, ao contestar a primeira, radicaliza, afirmando que “*traduzir é impossível*”, “*sempre se perde algo*”, ou ainda “*os cursos de graduação em tradução deveriam ser extintos, pois só os bons poetas podem ser bons tradutores*”.

Mittmann (2003) diz que esta família de paráfrases caracteriza de forma frustrante a atividade do tradutor, e, embora “este deva sempre buscar a perfeição, como em qualquer atividade profissional, já reconhece antecipadamente que seu trabalho será sempre inferior, de segunda mão”.

Na perspectiva da Análise de Discurso pecheutiana, o autor do discurso de base perde seu status de fonte e de dono do sentido, pois o sentido é produzido em outro lugar, fora dele. O autor não tem domínio sobre o sentido. Por isso, os leitores e também os tradutores, não têm a função de

A MATERIALIDADE DA TRADUTORIA E O PROCESSO HISTÓRICO DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS EM O MAR E A SELVA – RELATO DE UM INGLÊS NA AMAZÔNIAL, ELIANA DOS SANTOS MORATO BARALDI & ÉLCIO FRAGOSO

compreender um discurso tal qual ele teria sido pensado pelo autor, mas cada um produz uma leitura, entre as possíveis leituras. A respeito disto, Mittmann (2003), adverte:

[...] isso não significa, cairmos no extremo de pensarmos que se o autor não domina o sentido, o leitor o domina. Além disso, se o sentido não é a vontade codificada do autor, também não é qualquer leitura que é aceitável. Não se trata de uma leitura única, pensada e permitida pelo autor, nem de qualquer leitura eleita pelo leitor. Há leituras possíveis (MITTMANN, 2003).

Há condições sócio - históricas, diz Mittmann (2003), constituídas de outros discursos anteriores, conduzindo a interpretação e legitimando alguns sentidos. Por isso, algumas leituras são possíveis, bem como outros processos tradutórios também o são. Assim, o processo tradutório, longe de ser simples cópia ou equivalência de discursos, funciona como lugar de possibilidade: sempre pode existir outro processo tradutório, porque sempre outros efeitos de sentidos podem ser produzidos.

Nas fronteiras do discurso marcam presença-ausência, outros discursos possíveis, e o trabalho do tradutor se dá sobre essas presenças-ausências, sobre as brechas, os deslizamentos, entre o imposto e o interdito. Vejamos o que Mittmann (2003) afirma sobre a tradutoria:

A natureza do discurso é da ordem do repetível, do já-lá do interdiscurso que funciona sob a forma de fluxo e refluxo, pela memória (sob a determinação de uma formação discursiva na qual o sujeito se inscreve para fazer sentido), no intradiscurso. E é assim, portanto, que ocorre a tradutoria (MITTMANN, 2003).

O trabalho do tradutor é o de percorrer os espaços de silêncio para alguém, para além e por entre os discursos, levantando hipóteses sobre possíveis não-ditos e já-ditos em outro lugar.

De acordo com a perspectiva da Análise de Discurso, consideramos que mais importante do que a distinção entre texto e discurso é a sua relação de imbricação, pois é no texto que se materializa o discurso. Durante a leitura do texto original, o tradutor não só decodifica informações, mas

A MATERIALIDADE DA TRADUTORIA E O PROCESSO HISTÓRICO DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS EM O MAR E A SELVA
– RELATO DE UM INGLÊS NA AMAZÔNIAL, ELIANA DOS SANTOS MORATO BARALDI & ÉLCIO FRAGOSO

também produz sentidos. A partir daí o tradutor produz um novo discurso, sobre a base das sistematicidades linguísticas da outra língua do processo tradutório. Este discurso se materializará num novo discurso, reafirmado, que é o processo tradutório. O leitor da tradução, por sua vez, ao compreender o discurso, não efetua uma decodificação, ou um resgate de uma mensagem ali posta pelo autor com as palavras do tradutor, como outros autores teorizam, mas para Análise de discurso, este leitor estará também produzindo sentidos.

Pelo viés da Análise de Discurso, Pêcheux (1993, apud Mittmann, 2003, p. 82) vai nos dizer que “num efeito de sentidos *entre* os interlocutores, significa que o sentido não parte de A para B, mas é produzido por A e por B, ou entre A e B”. Pensando no processo tradutório, temos sentidos sendo produzidos entre todos os participantes do processo: autor, tradutor enquanto leitor, tradutor enquanto autor, leitor do processo tradutório e todos os outros leitores eventuais.

Assim, a função autor, conforme Orlandi (1995), organiza no intradiscurso os dizeres vindos do interdiscurso e

dá coerência à heterogeneidade do sujeito. “Se o sujeito abriga, em princípio, opacidades e contradições, o autor, ao contrário, tem um compromisso com a clareza e a coerência” (ORLANDI, 1995, p. 107). Ele tem que ser visível pela sociedade, sendo responsável pelos sentidos que sustenta.

Falar sobre o tradutor, da perspectiva da Análise de Discurso, significa considerar a interpelação ideológica que o constitui como sujeito. Pêcheux (1995) estabelece a distinção entre, de um lado, o *sujeito da enunciação*, que é o locutor, o sujeito que toma posição, e de outro lado, o *sujeito universal*, que ele qualifica como o “sujeito da ciência” o qual poderíamos chamar de sujeito da Formação Discursiva. A relação do sujeito da enunciação com o sujeito universal da Formação Discursiva se dá pela *forma-sujeito*, em cujo interior podem-se representar diferentes modalidades, dentre as quais Pêcheux (1995) cita “o recobrimento e a contra-identificação”.

O recobrimento é a identificação do sujeito enunciador com o sujeito universal da Formação Discursiva, caracterizando o *bom sujeito*, isto é, o sujeito que segue a regra do que pode e

A MATERIALIDADE DA TRADUTORIA E O PROCESSO HISTÓRICO DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS EM O MAR E A SELVA – RELATO DE UM INGLÊS NA AMAZÔNIAL, ELIANA DOS SANTOS MORATO BARALDI & ÉLCIO FRAGOSO

deve ser dito. A contra-identificação ocorre quando o sujeito da enunciação contesta a imposição do sujeito universal, gerando assim o *mau sujeito* (PÊCHEUX, 1995, p. 214- 215).

Se o estabelecimento, pela forma-sujeito, da relação entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal da Formação Discursiva, faz surgir tanto o bom como o mau sujeito, é possível, então, encontrarmos um antagonismo que se manifesta no interior da forma-sujeito. Quer dizer, existe a possibilidade de oposição entre posições-sujeito dentro da Formação Discursiva, gerando uma contradição interna.

Essas questões são retomadas por Courtine. E o que Pêcheux chama de sujeito universal, Courtine (1981, p. 43) prefere chamar de sujeito de saber da Formação Discursiva. E, para o autor, é da relação entre o sujeito enunciador e o sujeito de saber de uma Formação Discursiva que surge a posição-sujeito. Como desta relação podem surgir diferentes posições-sujeito, o autor afirma que a forma-sujeito é responsável pela descrição das diferentes posições-sujeito de uma Formação Discursiva. A partir desta relação, o tradutor, enquanto sujeito

enunciador assume uma “posição-sujeito”, que se inscreve em sua formulação, no caso, o processo tradutório:

Falar sobre o tradutor do ponto de vista da AD implica considerar a interpelação ideológica, que o constitui como sujeito através da sua relação com o sujeito de saber de uma FD. A partir desta relação, o tradutor, enquanto sujeito enunciador, assume uma posição-sujeito, que se inscreve em sua formulação, no caso, o texto da tradução (MITTMANN, 2003).

É, portanto, segundo Mittmann (2003), “dessa relação que determina a produção de sentidos que se dá tanto na leitura do original, como na produção do texto da tradução” (MITTMANN, 2003). Daí, a singularidade de cada tradução, ou seja, um mesmo original “pode ser traduzido por vários tradutores e em cada processo tradutório o resultado será diferente, porque o discurso será outro, o tradutor será outro, a posição-sujeito será outra”.

Mittmann (2003), continua dizendo que o “resultado também será diferente a cada novo processo tradutório, ou sua revisão, de um mesmo discurso, por um mesmo tradutor”.

A MATERIALIDADE DA TRADUTORIA E O PROCESSO HISTÓRICO DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS EM O MAR E A SELVA – RELATO DE UM INGLÊS NA AMAZÔNIAL, ELIANA DOS SANTOS MORATO BARALDI & ÉLCIO FRAGOSO

Desse modo, podemos fazer uma passagem da função-autor, como princípio de organização e de efeito de unicidade, efeito de origem e coerência.

Foucault (1969) afirma que é a “função-tradutor, a qual lida com o estar entre duas línguas, como princípio que leva ao efeito de proximidade entre dois discursos, ou mesmo de agregação”. A função-tradutor seria, portanto, uma função do sujeito (interpelação, tomada de posição) no processo da tradutoria, reafirmando que este conceito foi desenvolvido por Mittmann (2003), na perspectiva da Análise de Discurso, ou seja, da construção da autoria no processo tradutório. Assim, numa extensão desta função, Mittmann (2003) diz:

Ao refletirmos sobre o processo tradutório, podemos pensar numa função tradutor como a função que organiza a heterogeneidade de vozes, como a posição-sujeito do tradutor, a posição-sujeito do autor (ou a imagem que o tradutor tem dela), além das outras vozes vindas do interdiscurso e que entram no processo tradutório ou nas Notas do Tradutor, seja como pré - construído (o Outro, aquilo que afirma que “é assim que se diz”), seja como discurso transversal (o outro, as vozes que podem ser localizadas), como no caso de discursos de dicionários (MITTMANN, 2003).

Segundo Mittmann (2003), esta função - tradutor seria responsável pelo efeito de coerência, além de ser incumbida também pelo efeito de responsabilidade e pela ilusão de reprodução ou de imitação do original. Principalmente, esta função seria responsável pela interpretação, isto é, pela produção de alguns sentidos e silenciamento de outros.

Compreendemos, assim, que o equívoco é inerente à língua e que o sentido pode sempre ser outro, além daquele que o sujeito percebe em sua interpelação. Como diz Pêcheux (1990):

Todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente). Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico – sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise de discurso. (PÊCHEUX, 1990, p. 53).

A MATERIALIDADE DA TRADAUTORIA E O PROCESSO HISTÓRICO DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS EM O MAR E A SELVA
– RELATO DE UM INGLÊS NA AMAZÔNIAL, ELIANA DOS SANTOS MORATO BARALDI & ÉLCIO FRAGOSO

Negar este equívoco, segundo Pêcheux (1990), é cair na ilusão de que “sempre se pode saber do que se fala [...] negando o ato de interpretação no próprio momento em que ele aparece” (Pêcheux, 1990, p.55).

Esse deslizamento ou deslocamento de sentidos se dá devido a passagem do enunciado de uma Formação Discursiva para outra, que acontece tanto na produção do discurso, quanto na leitura. Dessa forma, portanto, esclarece Ferreira (1994) “a possibilidade sempre presente de (des) construir os sentidos, alterar sua direção e jogar com eles” (FERREIRA, 1994, p. 152). E a autora continua, é justamente o equívoco, por ser constitutivo de toda interpretação, que é o objeto de interesse da Análise de Discurso, que o busca nas falhas, deslocamentos e rupturas de sentidos.

Na figura proposta por Orlandi (1996, p. 81) para ilustrar o efeito metafórico, podemos observar os deslizamentos de sentido. Também fica exposta a língua e historicidade no discurso, através da metáfora:

a,b,c,d,e,f

g,b,c,d,e,f

g,h,c,d,e,f

g, h, i,d,e,f

g, h, i,j, e,f

g,h,i,j,k,f

g,h,i,j,k,l

Figura 1. Proposta para ilustrar o efeito metafórico e os deslizamentos de sentidos

Fonte: Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico

(Orlandi, 1996, p. 81)

Conforme Orlandi (1996), o ponto de partida (a, b, c, d, e, f) e o ponto de chegada (g, h, i, j, k, l), através de deslizamentos de sentidos, de próximo em próximo, são totalmente distintos.

No entanto, algo do mesmo está nesse diferente; pelo processo de produção de sentidos, necessariamente sujeito ao deslize, há sempre um possível “outro”, mas que constitui o mesmo (o deslize de sentido de **a** para **g** faz parte do sentido de **a** também). Ou seja, o mesmo já é produção da história, já é parte do efeito metafórico. A historicidade está aí representada justamente pelos deslizes (paráfrases) que instalam o dizer no jogo das diferentes formações discursivas (ORLANDI, 1996, p. 81).

A MATERIALIDADE DA TRADUTORIA E O PROCESSO HISTÓRICO DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS EM O MAR E A SELVA – RELATO DE UM INGLÊS NA AMAZÔNIAL, ELIANA DOS SANTOS MORATO BARALDI & ÉLCIO FRAGOSO

Orlandi (1996) explicita, “fala-se a mesma língua, mas se fala diferente. Pelo efeito metafórico. Esse deslize, próprio da ordem do simbólico, é o lugar da interpretação, da ideologia, da historicidade” (ORLANDI, 1996, p. 81).

Na Análise de Discurso, Mittmann (2003), considera “o processo tradutório, um processo amplo, que envolve o autor, o tradutor, os leitores e as condições de produção”. Ela comenta que “não se trata, portanto, de analisar o ato individual de um tradutor, como a tradução tem sido vista, mas de um processo complexo que não começa nem termina no tradutor” (MITTMANN, 2003). A autora, em seus estudos, trabalha o processo tradutório como um processo de relação de sentidos e de produção de discursos, que surge a partir de condições sócio-históricas de produção. O conhecimento dessa nova perspectiva faz com que todo um novo quadro teórico sobre o processo tradutório se delineie.

De acordo com Mittmann (2003), o sentido não é unívoco, universal e transparente, capaz de ser transportado de forma ilesa, mas é produzido em condições de produção

particulares, isto é, tem como fonte o interdiscurso e é determinado pela Formação Discursiva em que o discurso é produzido. Ela afirma que “o equívoco é a possibilidade de que o sentido sempre possa ser outro, é próprio da língua e do sentido, é constitutivo de toda e qualquer interpretação e, por isso, é constitutivo também de todo e qualquer processo tradutório” (MITTMANN, 2003).

Segundo Mittmann (2003), a função - tradutor é responsável pela tentativa de controlar os sentidos no discurso do processo tradutório, de acordo com a interpretação que o tradutor faz do original. E é responsável também pela ilusão de que o tradutor está apenas reproduzindo a voz una e coerente do autor do original. Estas ilusões são efeitos ideológicos, construídos pelo próprio discurso através da função - tradutor, e também fora desta função – tradutor.

Como há a ilusão de que o tradutor é responsável pelas escolhas que realiza, paradoxalmente, há também a ilusão de que ele simplesmente reproduz o que o autor do original ‘quis dizer’, recuperando sentidos universais, evidentes (MITTMANN, 2003).

A MATERIALIDADE DA TRADUTORIA E O PROCESSO HISTÓRICO DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS EM O MAR E A SELVA
– RELATO DE UM INGLÊS NA AMAZÔNIAL, ELIANA DOS SANTOS MORATO BARALDI & ÉLCIO FRAGOSO

Foi esse processo de construção desta ilusão no discurso que a autora procurou desvendar no decorrer de seu estudo, ao apresentarmos as condições sócio - históricas de produção do processo tradutório e de constituição do sujeito e do sentido.

Para Mittmann (2003), da posição de que fala o sujeito tradutor, da função-tradutor, podemos verificar, na sua construção discursiva, a construção de uma representação imaginária, a partir da própria posição – sujeito que ocupa. Essa representação imaginária é constitutiva do referente de seu discurso, ou seja, do objeto que estará sendo construído no seu discurso na função – tradutor.

Considera Mittmann (2003) que a N.T. (Nota Tradutória) faz parte do processo tradutório e materializa o discurso do tradutor, num momento em que este discurso não se confunde ilusoriamente com o do autor do texto original, como acontece no restante do texto da tradução.

Conforme Mittmann (2003), a inserção de notas de rodapé nos textos se baseia em dois argumentos:

1) o argumento da falta de clareza do texto e de desconhecimento pelo leitor.

2) o argumento da necessidade da nota, como se esta fosse um prolongamento do texto que comenta.

Consideramos mais viável o primeiro argumento, por conta dos discursos de fontes diversas. Apesar de sabermos que as notas de rodapé ou notas do tradutor, no processo tradutório, conforme Mittmann (2003) “não se constituem em uma simples ferramenta de esclarecimento ou enriquecimento de que dispõem os tradutores”.

Trata-se, antes, da manifestação do desejo da completude constitutivo dos sujeitos. Trata-se do desejo de alcançar a totalidade dos sentidos da língua fonte. Desejo este que será sempre frustrado, uma vez que o próprio "original" não está fechado em si mesmo, mas oferece leituras alternativas. (Mittmann, 2003).

Rocha (2014) diz que encontrou muitos obstáculos na construção do processo tradutório da obra *O Mar e a Selva* -

A MATERIALIDADE DA TRADUTORIA E O PROCESSO HISTÓRICO DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS EM O MAR E A SELVA
– RELATO DE UM INGLÊS NA AMAZÔNIA, ELIANA DOS SANTOS MORATO BARALDI & ÉLCIO FRAGOSO

Relato de um inglês na Amazônia, devido ao “estilo refinado e intrincado do autor original, pois sua tessitura linguística não se dá de forma direta, nem se compõe de períodos e de parágrafos curtos” (ROCHA, 2014, p. 11). O tradutor/autor comenta que todas essas dificuldades contribuíram para essa longa demora em sua tradução. Nesta obra, há cento e seis notas do tradutor, demonstrando que Rocha, da posição da função-autor, tem a ilusão do desejo de completude no seu processo tradutório.

Mittmann (2003), na epígrafe de sua tese, apresenta o comentário do autor Luis Fernando Veríssimo sobre notas de rodapé, ele diz que é incômodo, mas necessário:

Alguém já disse que interromper a leitura
para consultar notas de rodapé é como ter
que sair da cama quentinha para ver
que barulho é aquele no porão.

Orlandi (1999) diz que “o lugar do movimento é também o lugar da estabilização; a fuga de sentidos se dá, também, como alerta para o controle” (ORLANDI, 1996, p.13). Como exemplifica a autora, notas de rodapé funcionam

como forma de domesticar o que ameaça escapar, como forma de um acabamento impossível. As notas, diz ela, não fecham, definitivamente, antes são como “cicatriz”, marca de incompletude, de sentidos postos em silêncio.

A Análise de Discurso considera de grande valia o trabalho do tradutor porque circulam os espaços de silêncio para quem, para além e por entre as palavras, levanta hipóteses sobre possíveis não-ditos e já-ditos em outro lugar, desconfia da transparência, da unicidade da língua regulada e, principalmente, da tomada de posição.

Mittmann (2003), destaca “o enfrentamento do tradutor com a opacidade do texto e da língua, com a metáfora pontual e com o efeito metafórico constitutivo de todo dizer/interpretar”, com os equívocos, deslizamentos e urgências de contenção, sua atuação sob o esquecimento número 2, no processo da tradutoria. Autora diz que tudo isso permitirá a ampliação dos questionamentos relevantes e produtivos, envolvendo os estudos do processo tradutório e

contribuirá, significativamente, para as pesquisas da Análise de Discurso.

4 Considerações Finais

Este estudo teve por objetivo discutir a importância da tradutoria no campo da Análise de Discurso e trazê-la como objeto de reflexão enquanto processo discursivo. É também nosso intuito destacar a singularidade teórico-metodológica desta disciplina. Nesta pesquisa compreendemos que a heterogeneidade dá sustentação ao discurso, por isso, a convicção de um tradutor/autor suficiente e produtor de seu discurso é ilusória. É na interpelação ideológica que se dá ideia de transparência, univocidade e estabilidade da língua e dos sentidos, porém no momento da construção e da interpretação do processo tradutório como em qualquer outro processo discursivo acontece a opacidade, contradição, falha, dispersão, deslocamentos, desestabilização e rupturas de sentidos.

Pudemos observar a ideologia se apresentando como materialidade, atuando internamente no processo tradutório e, portanto, no discurso do tradutor/autor, criando no e pelo discurso os efeitos de evidência, universalidade e individualidade. Desse modo, o discurso que é produzido durante o processo tradutório tem uma materialidade que é ao mesmo tempo histórica e linguística. A materialidade histórica é constituída na própria textualidade e o linguístico é a base material para os processos discursivos, nos quais estão relacionados os processos tradutórios.

O processo tradutório é constituído da relação com outros discursos presentes no interdiscurso e de produção de sentidos, não há como estes sentidos serem produzidos isoladamente. O pré-construído, elemento constitutivo da memória discursiva, é uma construção teórica através da qual a Formação Discursiva, concebida como saber fechado, relaciona-se com seu exterior. De acordo com Pêcheux (1975), a Formação Discursiva é constitutivamente invadida por

A MATERIALIDADE DA TRADUTORIA E O PROCESSO HISTÓRICO DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS EM O MAR E A SELVA
– RELATO DE UM INGLÊS NA AMAZÔNIAL, ELIANA DOS SANTOS MORATO BARALDI & ÉLCIO FRAGOSO

elementos que vêm de outro lugar, isto é, de outras Formações Discursivas e se repetem nela.

REFERÊNCIAS

COURTINE, J. J. **Définition d’Orientations Théoriques et Méthodologiques en Analyse de Discours**, in Philosophiques, vol.IX, n.2 Paris, 1984.

FERREIRA, M. C. L. **A resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso: da ambiguidade ao equívoco**. Tese (Doutorado em Linguística) Instituto de Estudos da Linguagem. UNICAMP, 1994.

FOUCAULT, M. (1969) **ARQUEOLOGIA DO SABER**. Trad. L.F. Baeta Neves. Petrópolis: Vozes, 1971.

FRAGOSO, É. A. **Há separação entre língua e discurso?** Revista Igarapé, Porto Velho (RO), v. 4, n.1, p.71, set./dez. 2014.

MITTMANN, S. Tese. **Nota do Tradutor e Processo Tradutório: Análise e reflexão Sob uma Perspectiva Discursiva**. Porto Alegre. Editora UFRGS, 2003.

ORLANDI, E. P. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. São Paulo: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1990.

_____. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi et al, 3ª Ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1995. (Coleção Repertórios).

_____. **Papel da Memória**. In: ACHARD, P. et al. Papel da memória. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

ROCHA, H. R. **O Mar e a Selva: Relato de um inglês na Amazônia**/H. M. Tomlinson, Jundiaí, Paco Editorial, 2014.

Recebido em: 10/04/2017.

Aprovado em: 15/05/2017.

Publicado em: 28/08/2017.